

(Continuação da Última Pg.)

as instituições que lhes condicionam a atividade. Assim, um organismo vivo, embora dependente fundamentalmente da qualidade das suas células, não é simplesmente a soma delas e resulta de múltiplas e variadas relações que entre elas se estabelecem. Na mesma forma, é quase infinito o número de espécies químicas, cujas moléculas se constituem de carbono, hidrogênio e oxigênio, muitas havendo formadas do mesmo número e da mesma quantidade de átomos. Como explicar a diversidade, se idênticos são os elementos componentes? São unicamente as diferentes relações estabelecidas entre os mesmos átomos, digamo-lo metafóricamente, é o regime político a que eles se sujeitam, o que determina as diferenças.

Pois outra coisa não desejamos nós, os que preconizamos o sistema parlamentar. Não imaginamos que, feita a reforma, passem os homens a ser melhores do que são realmente; mas sabemos que o regime parlamentar institui a responsabilidade e restringe o arbitrio dos governantes, exige deles maiores predicações para ascenderem ao poder e nele se manterem, submete o governo mais pronta e eficazmente á influência da opinião e leva, por todos estes motivos a uma melhor seleção dos homens públicos e a uma maior educação política da massa.

Em suma, um regime político não faz homens diferentes, mas estabelece entre eles relações diferentes. Quem não perceber isto, poderá ser tudo, menos sociólogo, pois a sociologia é, em grande parte, o estudo destas relações.

Para corroborar a sua tese — que os homens são tudo e o regime nada — lembrou o sr. Osvaldo Chateaubriand o exemplo da Inglaterra, dizendo não, ter sido o sistema inglês, mas o caráter inglês, o que salvou a admirável nação insular da invasão nazista. Mas quem duvida disto? Eu, pelo menos, tenho afirmado que qualquer outro povo, que não o britânico, teria sucumbido a tão duras provações. Agora, o que se pode seguramente dizer é ter concorrido o sistema parlamentar, para a salvação da Inglaterra, quer por haver mantido os cidadãos no gozo e no culto da liberdade, quer por ter permitido, por virtude própria do seu mecanismo, ascendessem ao

governo o homem providencial no momento preciso.

Mas a França? A França deve também a sua salvação, na guerra de 1914, em boa parte ao regime parlamentar, que permitiu então a ascensão de Clemenceau; se o mesmo não se verificou na última guerra, foi por estar a nação gravemente doente e não haver, talvez, um Clemenceau. Milagres, ninguém está obrigado a fazê-los e não se deve pedir a um regime político mais do que razoavelmente pode dar.

“Atente o doutor Pilla — adverte-me o articulista — nos problemas que inquietam o mundo e repercutem necessariamente no Brasil. Não os resolveria uma simples forma de governo.”

E' certo. Mas quem pretendeu jámalis semelhante coisa? Um mecanismo é simplesmente um mecanismo e não se pode abstrair de quem o anima e dirige. Entretanto, fora de toda dúvida parece que, se não resolvermos os nossos problemas com um bom regime de governo, ainda menos os poderemos resolver com um péssimo, como é provavelmente o que temos tido.

E, a todas essas, que remédio prescreve o sr. Osvaldo Chateaubriand para os males do Brasil? Ouvindo: “uma força bem aparelhada, com a assistência consoladora da Igreja” Pode ser que certo esteja o seu alvitre, mas, de toda forma, ele, e não eu, é quem pode lembrar os verdadeiros profetas de Israel...

RIO, 27 de abril de 1947.